

JORNALISMO E LITERATURA CEARENSE

José Costa Matos

Titular da cadeira nº 29 da Academia Cearense de Letras.

Professor Universitário. Autor dos livros: Pirilampos,

As Viagens, O Sono das Respostas, Na Última Curva da

Esperança e O Povoamento da Solidão, todos de poesia;

O Rio Subterrâneo (romance) e Na Trilha dos Matuiús (conto).

Colabora nos jornais de Fortaleza e de Teresina-PI.

Lá no Antigo Testamento. O “Livro de Rute” é uma narrativa pesada de lições contra o desperdício, sempre possível nos caminhos desatentos. Rute, do país de Moab, deixa sua pátria para acompanhar Noemi, sua sogra, quando esta, já velha e solitária, decide voltar a suas origens em Nazaré.

Diante dos problemas da alimentação das duas, a moça moabita obteve permissão para catar as espigas esquecidas no chão pelas colheitas de Booz.

Dessa aplicação da fé e da atenção de Rute, as duas mulheres comeram da cevada e do trigo fadados ao desperdício.

Do “Livro de Rute”, veio-me talvez motivo para escrever três versos, que uma turma de Direito da Universidade de Fortaleza me pediu para marcar o seu convite de formatura. Estes, os versos:

“Como as espigas,
as lições também apodrecem
no esquecimento das colheitas.”

Esta lição de mim para mim mesmo retornou agora, quando recebi convite para estudar o jornalismo de Carlos Cavalcanti, o Caio Cid, nos desenvolvimentos da literatura do Ceará. Nas laterais deste estudo, quantos grandes espíritos, quanta beleza da palavra escrita ficaram lá atrás, e correm

risco de perdição, se não acontecer, em tempo, um trabalho semelhante ao de Rute, a moça do país de Moab, resgatadora das espigas deixadas pelos ceifeiros das terras de Booz.

Considerado o número dos livros aplicados à História do Ceará, mesmo na visão mais específica da abordagem do jornalismo gerador da literatura, fica fácil compreender a impossibilidade da contenção de tema tão vasto e tão profundo nas estreitezas de uma palestra. Só a “História da Literatura Cearense”, de Dolor Barreira, abrange quatro grossos tomos. E vem a obra de João Brígido, o baiano-cearense autor de “Ceará, Homens e Fatos”. E chegam Raimundo Girão, Antônio Martins Filho, Leonardo Mota, Cruz Filho, Mozart Soriano Aderaldo, Sânzio de Azevedo, Hugo Victor, Abdias Lima, Moreira Campos, Jáder de Carvalho, Wilson Bóia, Grupo Clã e tantos... tantos... E como cobrir a atuação do jornalismo literário de Blanchard Girão, Adísia Sá, Eduardo Campos, este dirigente dos jornais “Unitário” e “Correio do Ceará”, o polígrafo de tantas décadas de vitórias da nossa cultura? Para tentar uma ampliação de nomes e de livros, cumpre embotar a sensibilidade para a culpa das omissões. E as omissões às vezes gritam.

Assim, fique este “Panorama Literário” da Academia Cearense de Letras apenas com a abordagem de aspectos do jornalismo de Carlos Cavalcanti, que adotou, na sua participação diária no “Correio do Ceará”, o pseudônimo de Caio Cid.

Por muitos anos, essa escrita foi um hábito e uma educação popular. Aí, crônica e conto nem sempre tinham configurações distintas. Em Carlos Cavalcanti – Caio Cid, outra imprecisão de fronteiras está entre prosa e poesia. Noutros escritores, e comumente, o jornalismo é atuação de prosador.

Cumprir lembrar aqui o discernimento literário de Antônio Martins Filho: “O poeta que se revelou quando, há muitos anos, publicou “Aleuda”, jamais deixou de impregnar de constante lirismo tudo quanto escreve. Fiel à sua vocação, durante anos segue o mesmo caminho, descobrindo, no entanto, paisagens novas, que dão a seus escritos o cunho da originalidade.”

O “Correio do Ceará” era vespertino. Ficava na Rua Senador Pompeu, quase esquina com a Rua Guilherme Rocha. Ali, estudantes e admiradores sem nome se sentiam valorizados com a visão do escritor, de passagem para a redação.

Carlos Cavalcanti – Caio Cid – nasceu em Pacatuba, no pé da Serra da Aratanha. Aqui perto de Fortaleza. Data? Os papéis disponíveis registram o nascimento no dia 22 de fevereiro.

Um mistério especial na Serra da Aratanha. Fiódor M. Dostoiévski, o russo imenso e sabedor dos mistérios do mundo, fala em “força da terra”. Na Serra da Aratanha, o vôo supremo de Edson Queiroz decolou para o seu encontro com Deus. De lá, Eduardo Campos trouxe um talento polivalente para o comando do império de jornais, rádio e televisão de Assis Chateaubriand, no Ceará. Lá, e do próprio arrancamento telúrico, Artur Eduardo Benevides tirou o lirismo para bancar o fatalismo dos adeuses:

“Todo dia me despeço.”

Aí e também neste lance de suavidades, que, sem saber, gravou uma lembrança de certo menino distante, seu leitor lá no pé da Serra da Ibiapaba:

“Rute está no claustro.

Rute era um pedaço de nós mesmos,

Que, partindo, deixou-nos a sangrar...”

Na Serra da Aratanha, Carlos Cavalcanti, mais tarde Caio Cid, aprendeu a ser músico da palavra escrita, porque teve cantigas de águas nas pequeninas Cachoeiras das Andréias...

As crônicas e contos de Carlos Cavalcanti estão nos livros “Gitirana”, “Canapum”, “Conta-Gotas” e “Aguapés”. Esses títulos evidenciam o propósito de ser um escritor do seu chão. São nomes de vegetais de pequeno porte, sem força estimuladora da ambição. Por aí talvez se explique a sua ausência

no quadro dos escritores que, por alguma forma, cogitaram do próprio ingresso na Academia Cearense de Letras. A forte notoriedade social lhe assegurava aí uma vitória fácil. Nomes respeitáveis da literatura cearense o situavam no plano da crônica de Rubem Braga, Fernando Sabino e Henrique Pongetti. Na poesia, abrem-lhe portas para a reverência brasileira Djacir Menezes, Leonardo Mota, Antônio Sales, Gustavo Barroso, Carlos Câmara, Antônio Martins Filho, Perboyre e Silva... E era um escritor do povão.

Algum dia, o poeta Carlos Cavalcanti viu as quebradas de sua serra salpintadas de grandes frondes roxas ou douradas. E escreveu o soneto robusto sobre o

Pau d'Arco

Pau-d'arco gigantesco! Pelos traços,
Lembra um deus milenar, rude e iracundo
Que detivesse de repente os passos
E ali ficasse contemplando o mundo!

Preso pela raiz ao chão profundo,
A fronde a farfalhar pelos espaços,
Bebe a seiva nutriz no solo imundo,
Mas para o céu é que levanta os braços.

Prometeu vegetal, brame e se estorce
E por mais que proteste e que se esforce,
Não se liberta da imobilidade

Acorrentado ao pedestal da serra,
Embalde é o sonho de fugir da terra,
O anseio de galgar a imensidade!

Nas sugestões da grande árvore da serra, está presente a vocação suprema da humanidade: a viagem do relativo em busca do absoluto. E o lado formal do soneto. Na época, e

por aqui, quem escrevia sonetos sentia a sedução poderosa do parnasianismo. No soneto citado, o esquema das rimas varia nos quartetos, o que descumpria o rigorismo formal dos parnasianos. Já a metrificação é quase perfeita.

Mas cabe aqui uma demora no prosador das crônicas e dos contos. Quem não via jornal, para ler Caio Cid? Era escritor do povão. Veja-se, nesta passagem, como se identificava com o modo de sentir a vida nas pessoas sem filosofias:

“A ingenuidade do meu espírito, diante da vida, torna-me ignorante de que vou marchando para o começo da velhice. Assusto-me ao sentir uma pontada de reumatismo ou quando um amigo do meu tope me diz que seu rapaz saiu formado em medicina”.

“Consola-me saber que o homem inteligente nunca chega a ser um ancião. Jamais vi alguém apontar o velho Quintino Cunha, o velho Leonardo Mota, o velho Antônio Sales. A mocidade do talento nada tem a ver com a decrepitude da carne”.

Ora, um cronista que, na simplicidade dessa linguagem, comunica tal sabedoria diante do tempo, esse ajuda a viver.

Ademais, deixa em cada um de nós o desejo de ser inteligente, forma de caminhar no mundo sem sofrer os estragos dos anos vividos.

Na poesia, Carlos Cavalcanti descreve uma curva espiritualmente ascensional. Encontra o chamado fundo do poço no livro “Aleuda”, constituído de peças narrativas que acompanham a agonia e morte da irmã, também chamada Aleuda.

Nenhum outro poeta de língua portuguesa chegou à eternização da hora, do minuto de tormento humano. Aleuda agoniza. A família, em desespero, espera. O quê? O grande mistério abre a boca de fornalha e vai tragar e cremar a todos. O tempo até parece uma consciência masoquista, e se retarda para gozar com requintes aquele sofrimento.

“Pára o relógio. O tempo se demora.
Quem foi que produziu essa mentira
de sessenta minutos numa hora?”

Naquela insônia de dores, o milagre da palavra poética torna as almas visíveis na transparência dos corpos em movimento. É possível ver o cenário da sala:

“O tempo é eterno. A nossa angústia é infinda.
Quando imagino o dia despontando,
olho o relógio: é meia-noite ainda...”

E de outra forma:

“Deus queira que amanheça logo o dia
e o sol venha espantar essas estrelas
que pararam pra ver nossa agonia!”

Consumada a morte de Aleuda, a poesia do irmão Carlos Cavalcanti desce até a blasfêmia:

“Tu não tens equidade, ó Deus vetusto,
Deus de predileções e de injustiças!
Quiseste me ferir a todo custo,
eu que passei a infância ouvindo missas!”

Ficou dito, lá atrás, que a poesia de Carlos Cavalcanti descreve uma curva espiritualmente ascensional. As transcrições deste momento atingem a depressão máxima. A sinceridade do poeta lhe traz o perdão das blasfêmias e a graça da curva ascensional para uma visão mais ampla da vida. Tudo isso está no volume “Aleuda e Outras Poesias”. Aí, o poema “Nossa Senhora” tem dezoito estrofes de humildade e confiança:

“Ó Mãe do Nazareno, se eu pudesse
despir a minha crosta de maldade
e apresentar o coração em prece
aos pés de tua augusta majestade!

Alguém mandou-me aqui. Alguém, sabendo
Que eu sofria demais, aconselhou:
– “Vai a Nossa Senhora!” Obedecendo,
vim procurar-te. Eis como se passou.

Não sei rezar. Minha alma se entenece,
o lábio treme, os olhos se enchem d’água.
Recebe, pois, a dolorosa prece
que te ofereço: a minha grande mágoa.

E quanto tempo faz não te procuro,
não me prosterno em teu altar radioso!
O mundo me fizera, além de impuro,
do mal que pratiquei fátuo e orgulhoso.

Lancei-me, como um cego, pelo escuro
e me perdi num caos pecaminoso.
Mas agora chorei! Vê que olhar puro,
que olhar humilde o meu, que olhar bondoso!

E é tempo, minha Mãe, de me ir embora.
Ouço na igreja o perpassar dos anjos.
É muito tarde já, pois esta é a hora
de acolheres, a sós, os teus arcanjos!

Não vês como o crepúsculo aparece
pelas ogivas, invadindo a nave?
Chega o momento universal e grave:
Deus abençoa as coisas. Anoitece...”

Neste poema, Carlos Cavalcanti oferece um tratado superior de psicologia da conversão. E, sem dúvida, chega perto das “Confissões” de Santo Agostinho, este empurrado pelas rezas da sua mãe, Mônica, lá nas lonjuras dos séculos IV e V desta nossa era cristã...

Assim, este estudo não foi apenas o resgate de uma figura do jornalismo gerador de literatura no Ceará. Com Carlos Cavalcanti, recebemos de volta um entendimento maior do “fenômeno humano”, da expressão de Pierre Teilhard de Chardin. Validamos a lição de Rute, a moça do país de Moab que acreditou na repetição das colheitas na seara de Booz. E nos advertimos de que, na verdade,

“Como as espigas,
as lições também apodrecem
no esquecimento das colheitas.”